



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Sobre a Revolução Soviética de outubro

Marly de A. G. Vianna

Como citar: VIANNA, M. de A. G. Sobre a Revolução Soviética de outubro. *In:* DEO, A.; BATISTA, F. M. (org.). **100 Anos da Revolução Russa: a transição socialista como atualidade histórica.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 317-342.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-09-5.p317-342>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

SOBRE A REVOLUÇÃO SOVIÉTICA DE OUTUBRO

Marly de A. G. Vianna

“Quaisquer que sejam as palavras para expressá-lo, o comunismo é irredutível às suas falsificações burocráticas” (BENSAÏD, 2008, p. 71).

ALGUMAS QUESTÕES PRELIMINARES

Contra tantos daqueles que tentam desqualificar a Revolução de Outubro, cito mais uma vez Bensaïd (2008, p. 71), pela importância de sua tese:

[...] a contrarreforma liberal quer dissolver o comunismo no stalinismo. O despotismo burocrático seria a consequência inevitável da aventura revolucionária, e Stalin o descendente legítimo de Lenin e Marx. O desenvolvimento histórico e o desastre obscuro do stalinismo já se encontrariam em estado latente nas noções de ditadura do proletariado ou de partido de vanguarda. Nessa nova versão do Gênese, o pecado original e o verbo comandam o mundo.

Estou de pleno acordo com as teses de Bensaïd. Ver a Revolução Russa a partir do stalinismo, sem levar em conta o momento histórico dos anos de 1918-1922 é uma visão anti-histórica ou, muitas vezes, de pura má fé anticomunista.

A Revolução Socialista de Outubro foi o mais importante acontecimento do século XX, uma revolução que pela primeira vez na história da humanidade derrotou o capitalismo e colocou os operários no poder. Por isso mesmo as apreciações sobre ela são muito polarizadas. O ataque à revolução socialista começou desde seu início e foi fortalecido com a guerra fria, cuja propaganda influenciou “na ‘reflexão contextual’ indispensável à pesquisa histórica, a favor de outros objetivos e prioridades, para benefício da mídia, da ideologia e da emoção”. (LEWIM, 2007, p. 333).

É ainda Lewin (2007, p. 333) quem coloca, sobre os erros na apreciação da revolução:

O primeiro erro consiste em focalizar os líderes, atores e ideologias, como se fossem agentes independentes, abstraídos de seu contexto histórico. Nem as circunstâncias que os moldaram e condicionaram, nem o passado, nem o mundo em torno são levados em conta. Para muitos, tudo começou em 1917 – o momento do “pecado original”.

A situação histórica em que se encontrou a Rússia Soviética durante a guerra civil e depois dela foi de absoluta catástrofe. Foi a partir da situação concreta em que se encontrava a economia, completamente destruída, da miséria, da fome – até de casos de canibalismo -, das epidemias provocadas pela situação, que podemos entender as revoltas no campo – já iniciadas pela necessidade do comunismo de guerra -, as insatisfações e as greves nas cidades e os conflitos sociais que se sucederam, entre eles a revolta de Kronstadt.

Imaginar que a situação poderia ter sido diferente, a partir de conceitos ideológicos é completamente disparatado. Imaginar que a situação seria democrática, tranquila e revolucionariamente resolvida a partir do afastamento dos bolcheviques (“soviets sem os bolcheviques” – uma das consignas dos anarquistas que atuaram em Kronstadt) carece de

um mínimo de base. É imaginar a resolução dos problemas econômicos, sociais e militares com que se viu defrontada a revolução a partir da mudança de ideologias no poder.

A grande questão que perdurou por grande período, e mais fortemente nos primeiros anos da revolução, foi a de impedir a volta do capitalismo, deixando outras questões em segundo plano, tais como o pluralismo partidário, tão caro aos nossos liberais ou à falta de atenção ao crescimento da burocratização. Aliás, tais questões tentaram ser resolvidas terminada a guerra civil, como fica claro nos escritos e intervenções de Lenin (1961c) dos anos de 1921, 1922 e 1923.¹

É preciso analisar a Revolução Russa historicamente, entender o comunismo de guerra a partir da guerra civil com os brancos e a invasão estrangeira. Só uma percepção grosseiramente anti-histórica pode “julgar” a situação como fruto de uma crueldade inerente aos bolcheviques. A história não é resultado de um jogo de conceitos ideológicos, mas de uma situação concreta em que pessoas concretas se viram envolvidas e tiveram que fazer escolhas, muitas vezes dramáticas, diante de uma realidade que se lhes impunha.²

A REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO DE 1917

A Rússia czarista entrou na guerra no seu início, no final de julho de 1914. O Exército russo, apesar de algumas vitórias, vinha sofrendo sérios revezes, em especial a partir de 1915-16, não só em combate, mas pelo descontentamento da tropa mal equipada e mal preparada para a guerra. As deserções eram cada vez mais comuns. Para que se tenha uma ideia das dimensões da tragédia, contam-se aos milhões as vítimas russas da carnificina – cerca de dois milhões de mortos, muito maior número de feridos e mutilados e outros tantos feitos prisioneiros.

¹ Ver LENIN, 1962c.

² Não faz muito tempo, um conferencista absolutamente contrário à Revolução Socialista de Outubro comentou o atentado contra Lenin, em 1918, lamentando: “Levou cinco tiros e não morreu, que pena!”. Mais do que desconhecimento histórico, a observação mostra não só falta de seriedade como absoluta falta de compostura. Não deixa de lembrar os antissemitas, lastimando que Hitler não tivesse exterminado todos os judeus.

A situação tornava-se calamitosa, e no final de 1916 o czar Nicolau II resolveu assumir a chefia do exército. O governo do Estado passou às mãos da czarina, profundamente influenciada pelo místico e charlatão Grigori Rasputin. A insatisfação da população russa ia num crescendo. O desabastecimento era geral, a carestia terrível, a exploração da força de trabalho aumentara muito. Era principalmente sobre os ombros das mulheres que pesava a maior carga. Não só substituíam na produção a mão de obra masculina, deslocada para os campos de batalha, como eram seus filhos, maridos, pais e irmãos que estavam sendo massacrados nos inglórios campos de batalha. E foram as mulheres que deram início ao processo revolucionário quando entraram em greve os operários da fábrica Putílov, em Petrogrado³, na qual elas eram a grande maioria. A greve foi se espalhando, num grande movimento de solidariedade operária. No dia 23 de fevereiro comícios e motins de rua se avolumavam. Era o Dia Internacional da Mulher (a Rússia usava o calendário Juliano, que tem 13 dias de diferença para o atual e nosso, o calendário gregoriano). No dia 27, o Palácio Tauride, sede da Duma, o Congresso russo, foi invadido pela multidão, em grande parte composta por mulheres.

No dia 28, com a população já dominando a cidade e com medo que a movimentação popular avançasse, o czar abdicou, deixando o trono a seu irmão, o grão-duque Miguel Romavov, que não aceitou o cargo. Foi então proclamada a República e estabelecido um governo provisório, tendo como primeiro ministro o príncipe Georgui Lvov, ultraconservador, líder do Partido Constitucionalista (cadetes), e como Ministro do Interior e depois da Guerra o deputado socialista Alecsander Kerenski. Em oposição ao governo provisório formou-se outro poder, o sóviet (conselho), forma de poder popular surgida em São Petersburgo, na Revolução de 1905. A revolução de fevereiro foi uma revolução popular em todos os sentidos, não só por sua composição, como pela espontaneidade do movimento, do qual não participaram líderes ou partidos políticos – até porque, nesse momento, a maioria achava-se presa ou exilada.

³ A cidade foi fundada em 1703, por Pedro, o Grande, com o nome de São Petersburgo. Em 1914, na guerra contra a Alemanha, o nome, com origem germânica, foi mudado para Petrogrado. Em 1924, depois da morte de Lenin, passou a ser Leningrado. Com o fim do socialismo, voltou-se ao nome original de São Petersburgo.

Discutir o significado da Revolução de Fevereiro é bastante atual, como o foi na época: até onde o movimento popular revolucionário deve e pode avançar? Há quem considere fevereiro de 1917 uma revolução democrático burguesa e houve mesmo, à época, revolucionários que acreditaram que a República burguesa deveria ser consolidada antes que se avançasse rumo ao socialismo – opondo-se, por isso, à Revolução de Outubro. Parecia que a derrubada dos trezentos anos dos Romanov era uma conquista suficientemente positiva e que deveria ser consolidada numa República liberal burguesa. A muitos revolucionários, inclusive bolcheviques, parecia uma aventura fadada ao fracasso tentar caminhar rumo ao socialismo. Entre eles estavam Grigori Zinoviev e Lev Kamenev, abertamente contrários à tomada do poder pelos soviets, e outros que vacilavam, Stalin (Josef Djughashvili) entre estes.

Nesta situação e entre muitas discussões, o momento crucial foi a chegada de Vladímir Ilitch Uliânov, Lenin, a Petrogrado e suas decisivas – para a revolução socialista – *Teses de Abril*.

AS TESES DE ABRIL

As Teses de Abril, uma “certidão de nascimento” da Revolução Russa, foram decisivas para resolver a questão que se colocava para os revolucionários, como vimos: apoiar o governo provisório, consolidando uma República liberal burguesa – sem dúvida um imenso avanço em relação ao tzarismo – ou avançar rumo ao socialismo.

Lida ainda no vagão do trem, ao chegar à Estação Finlândia, Lenin (1975b, p. 35-38) defendia: tese 1: nenhuma concessão deveria ser feita ao que chamou defensismo revolucionário, o não ter a coragem de avançar no movimento revolucionário que as massas impulsionavam; tese 2: o momento político pelo qual a Rússia passava caracterizava-se pela passagem da primeira etapa da revolução, que acabara com o tzarismo e dera o poder à burguesia, para às mãos do proletariado e dos camponeses pobres; tese 3: nenhum apoio deveria se dado ao governo provisório; tese 4: Lenin dizia ser importante reconhecer o fato de que os bolcheviques ainda eram minoria nos soviets. Para ganhar as massas para suas posições

era preciso explicar a elas, exaustivamente, até convencê-las, que a única forma de governo que atenderia às suas reivindicações eram os soviets; tese 5: depois da experiência dos soviets, amplamente apoiados pelo povo, não era possível retroceder e apoiar uma República parlamentar burguesa; tese 6: no campo era preciso organizar soviets e tomar as terras, confiscá-las e nacionalizá-las; tese 7: promover a fusão imediata de todos os bancos do país num banco nacional único; tese 8: embora a implantação do socialismo não fosse tarefa imediata, era preciso passar imediatamente a controlar a produção e a distribuição dos produtos; tese 9: era necessário a convocação urgente de um congresso do partido, dada a necessidade de mudar seu programa, já superado; era preciso também discutir as questões relativas ao imperialismo, à guerra, e analisar o papel do Estado, afirmando a reivindicação bolchevique do estado-comuna; tese 10: finalmente, Lenin mostrava a importância de se organizar uma nova internacional.

O mais importante – e decisivo: era impossível apoiar o governo provisório.

A mobilização política no período era imensa e foi se radicalizando. Os bolcheviques tinham como proposta, que estava em primeiro lugar em seu programa, estabelecer a paz, enquanto que o governo provisório, tendo naquele momento Kerenski como Ministro da Guerra, resolveu continuá-la desencadeando nova ofensiva militar, cujo fracasso provocou maiores vítimas e grandes protestos.

Nesse ambiente, e com os operários de Petrogrado agindo em várias manifestações armadas, o governo achou um pretexto para desarmar os operários e atacar os bolcheviques: proibiu seus jornais, fechou suas sedes e começou a perseguição a seus líderes, alguns sendo presos. Lenin exilou-se na Finlândia.

Com o objetivo de parar as agitações operárias, e pela grande desvalorização do rublo, o que tornava a situação econômica difícil, muitas fábricas começaram a ser fechadas, o que aumentou ainda mais o desemprego e a fome já causados pela guerra. Ficava claro para os trabalhadores que tinham razão os bolcheviques, ao propor o controle operário das fábricas e isso aumentou o apoio aos partidários de Lenin. Ao mesmo tempo, os

camponeses se organizavam e tomavam as terras, aliando-se também aos bolcheviques, os únicos que conseqüentemente defendiam sua causa.

Foi nessa conturbada situação que, apavorados com a mobilização popular - que sempre apavora a direita -, industriais e generais monarquistas resolveram se unir para depor o governo provisório que consideravam incapaz de controlar a situação. A 25 de agosto o general Lavr Kornilov tentou um golpe de Estado, frustrado pela ação dos revolucionários a quem Kerenski foi obrigado a recorrer. Os soviets se mobilizaram e os marinheiros de Kronstadt seguiram para Petersburgo, obrigando os conservadores a recuar. Depois dessa tentativa de golpe, derrotada pela insurreição popular liderada pelos bolcheviques, estes passaram a ter a maioria nos soviets. Ao mesmo tempo em que se intensificaram as ocupações de fábricas e de terras, cresciam as deserções no Exército.

A 31 de agosto de 1917 o Soviet de Petrogrado havia votado a resolução, apresentada pelos bolcheviques, de que todo o poder fosse entregue aos soviets. A partir daí o avanço revolucionário foi num crescendo. Os bolcheviques de Moscou exigiam a insurreição e no dia 9 de outubro Trotski (Lev Bronstein) conseguiu aprovar a formação de um comitê militar revolucionário para organizar um estado maior da revolução (BROUÉ, 2014, p. 95). No dia 11, delegados bolcheviques que chegavam para o II Congresso dos Soviets de Operários, Soldados e Marinheiros, a se realizar no dia 25, foram convocados a Petrogrado, enquanto que os navios da Marinha colocaram suas rádios a serviço dos bolcheviques (BROUÉ, 2014, p. 96).

No dia 16 de outubro reuniu-se o comitê central bolchevique ampliado que, por 19 votos contra dois e quatro abstenções, rejeitou proposta de Zinoviev de que se suspendessem os preparativos da revolução até que o congresso dos soviets fosse ouvido. Trotski foi nomeado comandante da fortaleza Pedro e Paulo, cujo contingente ainda estava indeciso (BROUÉ, 2014, p. 96).

A 22 de outubro a tripulação bolchevique do cruzador Aurora desobedeceu às ordens do governo de levantar âncoras e permaneceu atracado. No dia seguinte, 23, foram enviados delegados a todas as

unidades militares, cujos representantes divulgaram documento em que afirmavam não reconhecer a autoridade do governo provisório (BROUÉ, 2014, p. 97). “Na verdade, os defensores da insurreição representavam a energia e a coragem indômita da revolução, enquanto seus adversários manifestavam as dúvidas que a revolução tinha de si mesma” (DEUTSCHER, 1968, p. 315-316).

A 23 de outubro Trotski foi eleito presidente do Soviet de Petrogrado. A 24, véspera da insurreição, houve distribuição de armas nos quartéis a todos os destacamentos operários e à tarde os marinheiros de Kronstadt chegam a Petrogrado. Do Smolni, sede do Soviet de Petrogrado, partiram destacamentos para ocupar pontos estratégicos da cidade. Na madrugada do dia 25 de outubro foi tomado o Palácio de Inverno e caiu o governo provisório sem qualquer reação ou derramamento de sangue. O governo fugiu, deixando um batalhão de mulheres a guardar o palácio.

UM “GOLPE” REVOLUCIONÁRIO

A realização do II Congresso dos Sovietes de Soldados, Operários e Marinheiros de toda a Rússia estava marcada para o mesmo dia 25 de outubro. Alguns consideram que seria preciso ouvir o congresso antes de deliberar pela tomada do poder, caso contrário seria um golpe. Formalmente teria sido um golpe, pois a tomada do Palácio de Inverno deu-se na madrugada de 25 de outubro, antes da reunião do II Congresso. Mas, na realidade, a revolução já estava na rua: os camponeses tomavam as terras, os operários as fábricas, os soldados desertavam e exigiam a paz. Lenin, tendo conseguido a maioria nos soviets das principais capitais, considerou que era a hora de conclamar o povo a tomar o poder. Todo o poder aos soviets!

No mesmo dia reuniu-se o II Congresso dos Sovietes de Operários e Soldados e Marinheiros de toda a Rússia. Ao chegarem as notícias da tomada do Palácio de Inverno e de que as tropas enviadas por Kerenski para combater os revolucionários se passaram para a insurreição, a ala direita dos social-revolucionários e os mencheviques defensivistas abandonaram a sala. Apoiaram os bolcheviques os social-revolucionários de esquerda, parte

dos mencheviques e os anarquistas. O Congresso, em sua imensa maioria, apoiou a insurreição – o que lhe deu legitimidade - e votou seus primeiros decretos: paz, pão e terra. Foram também eleitos 15 bolcheviques como comissários do povo. O congresso elegeu ainda um Comitê Executivo, que contava com 71 bolcheviques e 29 social-revolucionários de esquerda (DEUTSCHER, 1968, p. 315-316).

OS PRIMEIRO DECRETOS

Os decretos sobre a paz, a terra e a questão das nacionalidades consolidaram a liderança bolchevique nas bases populares, mas as opiniões sobre o caráter da revolução não tinham unanimidade entre os dirigentes revolucionários e aqueles que foram vendo derrotadas suas posições não só se afastaram da luta como se organizavam para lutar contra os bolcheviques.

O período que vivia a Rússia, desde fevereiro de 1917 era riquíssimo e agitado. Uma imensa massa de operários e camponeses começavam a participar ativamente da vida política. Os grupos sociais, organizados ou não em partidos políticos, operários, soldados, marinheiros, camponeses, todos procuravam entender a situação e, principalmente, defender seus direitos, num processo de discussão e convencimento sobre os rumos revolucionários. Foram centenas de reuniões de comitês, assembleias de operários, camponeses e soldados, por todo o país. A longa citação de uma reunião, imortalizada por John Reed, que a ela esteve presente, dá uma ideia do ambiente revolucionário da Rússia Soviética. O Comissário do Povo para a Guerra, Nicolay Krilenko, participou de um violento debate no regimento motorizado de metralhadoras do Exército. Alguns exigiam que falasse, os oficiais queriam calá-lo, mas do alto de um carro, Krilenko falou, pela madrugada a fora, com a voz rouca de cansaço:

Camaradas, soldados. Quase não posso falar. Sinto muito, mas há quatro noites que não durmo. Não preciso dizer-lhes que também sou soldado. Do mesmo modo não preciso afirmar que desejo a paz. O que lhes quero dizer, companheiros, é que o Partido Bolchevique, conduzindo a revolução vitoriosa dos operários e soldados, com o apoio de todos nós, os bravos camaradas que derrubaram para sempre o poder da sanguinária burguesia, prometeu propor a paz e

hoje mesmo cumpriu essa promessa (uma tempestade de aplausos). Pedem-lhes agora que fiquem indiferentes, enquanto os junkers e os Batalhões da Morte, que nunca ficarão neutros, estão nos fuzilando nas ruas e apoiando a marcha de Kerenski e de outros de sua laia sobre Petrogrado. [...] todos esses mencheviques e socialistas revolucionários, que lhes insinuavam para ficar neutros, como conseguiram manter-se no poder de julho em diante? Não foi pela guerra civil, na qual sempre se colocaram ao lado da burguesia, como ainda o fazem? [...] A questão é bem simples. De um lado estão Kerenski, Kaledine, Kornilov, os mencheviques, os socialistas revolucionários, os cadets e a Duma, dizendo a todo o instante que as suas intenções são as melhores possíveis. Do outro, estão os operários, os soldados, os marinheiros, os camponeses pobres... O governo está em nossas mãos. Sois os donos. A imensa Rússia vos pertence. Dar-lhe-eis as costas? (REED, 1963, p. 156-157).

Quando se passou à votação, em que os que aprovavam as propostas bolcheviques deveriam posicionar-se à esquerda, centenas de soldados para lá se dirigiram. E continua John Reed (1963, p. 157):

Imagine-se essa luta em todos os quartéis da cidade, de todos os distritos, em toda a frente, na Rússia inteira. Imagine-se, em todos os quartéis, os Krilenkos, caído de cansaço, correndo de um lugar para outro, discutindo, ameaçando, suplicando. Imagine-se, finalmente, as mesmas cenas em todos os sindicatos, nas fábricas, nas aldeias, em todos os navios da esquadra espalhados pelos mais longínquos mares. Imagine-se, em todo o país, centenas de milhares de russos, operários, camponeses, soldados e marinheiros, com os olhos cravados nos oradores, esforçando-se intensamente para compreender e em seguida resolver, pensando com todas as suas forças... para, afinal, com a mesma unanimidade, tomarem idêntica decisão. Eis o que foi a Revolução Russa.⁴

Nenhum argumento é mais eficaz na hora de desmentir categoricamente a lenda do Partido Bolchevique monolítico e burocratizado do que o relato das lutas políticas, dos conflitos ideológicos, das indisciplinas públicas que, definitivamente, nunca foram punidas. Eram as massas revolucionárias que sancionavam as decisões que, por

⁴ Citado também por Pierre Broué, 2014, p. 98. Há ligeiras diferenças na tradução.

sua vez, sua iniciativa tinha sugerido (BROUÉ, 2014, p. 101). Mas as dificuldades eram imensas, proporcionais aos feitos revolucionários. Lenin e tantos outros revolucionários esperavam por uma revolução nos países mais avançados, que ajudasse a consolidar a República Soviética, revolução que não ocorreu.

O líder bolchevique conclamava os operários e camponeses a manterem-se unidos: “Lembrem-se que na atualidade são vocês mesmos que dirigem o estado: ninguém os ajudará se não permanecerem unidos, impondo-se em todos os assuntos do estado” (LENIN, 1962b, p. 311). E deixava clara a perspectiva dos bolcheviques sobre a democracia revolucionária:

Os sovietes locais podem, segundo as condições de lugar e tempo, modificar, expandir e completar os princípios básicos estabelecidos pelo governo. A iniciativa criadora das massas: este é o fator fundamental da nova sociedade (...) O socialismo não é o resultado de decretos vindos de cima. O automatismo administrativo e burocrático é estranho a seu espírito, o socialismo vivo, criador, é obra das próprias massas populares! (LENIN, 1962b, p. 300).

Sobre o líder bolchevique escreveu Christopher Hill (1967, p. 167):

Em suas relações para com o homem comum o pensamento de Lenin era fundamentalmente democrático. Muitas pessoas manifestavam diante dele a opinião de que não pode haver democracia fora do socialismo e Lenin sempre insistia em frisar, invertendo os termos, que também não pode haver socialismo sem democracia. [...] o socialismo vitorioso não poderá sustentar sua vitória e conduzir a humanidade ao ponto de desvanecimento do Estado sem ter estabelecido a verdadeira democracia.

E aos que veem de forma deturpada a posição dos bolcheviques, diz Pier Broué (2014, p. 112):

Se, anos mais tarde, os sovietes acabaram reduzidos a uma mera casca vazia perante o todo-poderoso aparato bolchevique, será porque, fundamentalmente, na época em que os sovietes ainda eram organismos vivos, o partido bolchevique foi o único a defender seu

poder, enquanto os mencheviques e os socialistas revolucionários, leais oponentes ou colaboradores da república burguesa, se negaram a desempenhar seu papel na República Soviética dos Conselhos de Operários, Camponeses e Soldados.

A paz de *Brest-Litovski*, estabelecida em março de 1918, ficou longe da planejada paz justa e sem anexações. O governo soviético havia prometido a paz – provavelmente a reivindicação mais sentida do momento –, e foi seu primeiro decreto. Para consegui-la, no entanto, foi preciso perder parte importante de seu território, como o sul da Ucrânia, verdadeiro celeiro do país. Tais exigências só foram revertidas no final da guerra, com a breve revolução alemã, que anulou o tratado e restituiu os territórios invadidos pelos austro-alemães. O tratado, além de todas as perdas que duraram quase um ano, motivou um atentado contra Lenin, levado a efeito pela militante anarquista Fany Kaplan, que considerou o tratado uma traição à revolução. Embora sem adotar a tática de atentados contra opositores, muitos bolcheviques, entre eles Trotski, não ficaram a favor da paz obtida daquela forma. Mas é que não havia outra maneira de conseguir a paz e seria impossível manter a revolução e continuar a guerra.

A GUERRA CIVIL

A crítica fácil à Revolução de Outubro, daqueles que a veem no conforto de suas opiniões pré-estabelecidas contra os bolcheviques, parece não ter a mínima noção da História, no caso, do que foi a guerra civil. As descrições desse período que durou quatro anos e meio, chegam a ser dantescas, do número de mortos ao recurso ao canibalismo: miséria, fome, epidemias de cólera e tifo e ainda a grande seca que assolou parte do país. Embora alguns reclamassem “soviets livres” em tal situação, os anarquistas revolucionários que viveram aqueles momentos solidarizaram-se com os bolcheviques e deixaram para o fim da guerra a cobrança de suas propostas de governo.

Foram quatro anos e meio de uma guerra que começou a 26 de outubro de 1917, e terminou em agosto de 1922, com a derrota dos

últimos remanescentes dos exércitos brancos e de grupos de bandoleiros que assaltavam pelo país.

Com o fim da guerra mundial os exércitos aliados invadiram o país, cercando-o por todas as suas fronteiras. Decididos mais tarde a retirar suas tropas do território russo, os aliados passaram a fornecer armas, munições, alimentos e homens aos exércitos brancos. A guerra envolveu os governos alemão, francês, inglês, americano, japonês, tcheco, polonês, italiano romeno e grego, armando mercenários, apoiando o rebotalho da sociedade russa, que se aliava aos brancos (MARIE, 2017, p. 15). “Churchil resumiu a situação com seguinte fórmula: ‘Matar o bolchevique e beijar o huno’ ” (MARIE, 2017, p. 15).

Devemos levar em conta também a violência inaudita que se apossara da sociedade, reprimida há séculos pela brutalidade czarista. Para dar exemplos do ódio que os camponeses tinham por seus opressores, “em Rostow no Don, no final de janeiro de 1918, os soldados abateram cerca de 3.400 oficiais e, alguns dias depois aproximadamente 2 mil em Novocherkassk” (MARIE, 2017, p. 16). “Em Sebastopol, pouco mais tarde, marinheiros enfurecidos cortaram a genitália e as mãos de várias centenas de oficiais suspeitos de terem pertencido, em 1905-1906, às cortes marciais que enviaram à força dezenas de marinheiros revoltados” (MARIE, 2017, p. 16). A violência da guerra era potencializada pela violência popular.

O Exército Vermelho era formado por “operários sem formação, militar, armados às pressas com um fuzil que às vezes nem sabiam usar e que consistiam, durante alguns meses, a única força armada, fraca e desorganizada do governo revolucionário” (MARIE, 2017, p. 35). O mesmo autor descreve as barbaridades cometidas contra os bolcheviques na Finlândia, apesar do tratado assinado:

A repressão foi maciça e brutal. Em Tampere os Brancos capturaram 11 mil soldados vermelhos e fuzilaram a maioria. Cerca de 80 mil Vermelhos são levados para os primeiros campos de concentração da guerra civil: 12 mil morreram de fome e tifo, sem contar os que são fuzilados. (...) Em Helsinque fuzilaram Boris Jentchoujine, comissário bolchevique encarregado de garantir o retorno para a Rússia, previsto pelo Tratado de Brest-Litovski, dos 236 navios russos estacionados em portos finlandeses (MARIE, 2017, p. 38).

Em alguns meses, tribunais de exceção julgaram, em meados de 1918, 67.788 Vermelhos: 90% são condenados à prisão, sem contar 555 condenados à morte, a metade executados. “Os acontecimentos da Finlândia soam como um aviso aos bolcheviques: se forem vencidos serão liquidados e massacrados como os operários social-democratas de esquerda finlandeses.” (MARIE, 2017, p. 38).

A fome era um dos principais inimigos. No final de abril de 1918 a população faminta de Novgorod atacou o soviets local, que decretou estado de sítio. Trotski reuniu alguns telegramas recebidos em Moscou: no dia 21 de maio, a população faminta de Pavlov-Possad não sabe onde encontrar comida. No dia 31, em Nijni Novgorod, 30% dos operários não podem trabalhar por causa da fome. De Serguei-Possad escrevem: deem-nos pão ou morreremos. De Briansk, a 30 de maio, comunicam que a mortalidade era enorme, sobretudo de crianças. A 2 de junho avisam que em Klin há duas semanas que não havia o que comer. A 3 de junho, de Dorogobuj comunicam a fome e epidemias (MARIE, 2017, p. 64). A fome levava a que em muitos lugares os bolcheviques no governo fossem responsabilizados e corriam slogans como “soviets sem comunistas”, o que fez com que em Blesk, perto de Smolensk, a população fuzilasse todo o soviets da cidade (MARIE, 2017, p. 64).

Ao mesmo tempo que cercado pela Entente e pelos Exércitos Brancos e os Cossacos seus aliados, grupos que haviam apoiado a revolução agora se desligavam dela, como o caso dos social-revolucionários e de grupos anarquistas, estes em busca de “democratizar” os soviets. Em Samara-Oreburg, no dia 17 de maio de 1918, um destacamento de marinheiros anarquistas derrubou o soviets de Samara, que acabou, com seu liberalismo, a abrir caminho para ser dirigido por socialistas revolucionários e guardas brancos (LENIN, 1962, p. 192, 566). Possivelmente isso aconteceria em todo o país, caso a consigna “soviets sem bolcheviques” tivesse sido vitoriosa. Felizmente a revolução se manteve.

A pretexto de não concordar com o Tratado de *Brest-Litovski*, os social-revolucionários de esquerda se rebelaram, pedindo a anulação do tratado e a continuação da guerra com a Alemanha, enquanto que os de direita organizaram, em julho de 1918, levantes em Tambow e em

Ekaterinburg. O oficial do Exército Branco, Kappel, descreveu uma das batalhas da “luta sobre os trilhos”, com os famosos trens blindados – que de blindados tinham muito pouco:

Percebíamos oradores que gesticulavam e ouvíamos hurras! Abrimos fogo com nossas metralhadoras; depois de alguns minutos, toda a margem estava cheia de corpos humanos e o trem blindado saiu em marcha ré em direção a seu ponto de partida. Eles atiravam em nós e nossos canhões respondiam, até que um dos canhões pegou fogo e o trem, cercado de chamas e de fumaça, desapareceu numa curva da estrada. (MARIE, 2017, p. 76).

O general Wrangel, um dos chefes do Exército Branco, diz em uma carta a sua mulher, de 6 de setembro de 1918, que: “Os bolcheviques combatem com a obstinação de um rato acuado num canto” (MARIE, 2017, p. 97)⁵, e conta em suas memórias:

Os hospitais estavam repletos de doentes, que se amontoavam nas casas, estações, vagões imobilizados, nas vias. Durante vários dias os mortos se misturavam aos vivos sem atendimento, abandonados a si mesmos; os tifosos a procura de comida vagavam até o fim de suas forças nas ruas da cidade, e muitos deles perdiam a consciência e caíam nas calçadas. (MARIE, 2017, p. 97).

As cenas da guerra civil são dantescas. Muitas vezes, quando se teoriza sobre aqueles anos, a situação dramática vivida pelo povo russo é deixada de lado, num ping-pong de conceitos desgarrados sobre “democracia” e “autoritarismo”. A propósito, a Tcheca (Comissão Extraordinária de Luta Contra a Sabotagem e a Contrarrevolução) foi criada a 7 de dezembro de 1917, depois que funcionários do banco estatal se negaram a fornecer dinheiro aos bolcheviques - os funcionários do novo governo ficaram sem salários enquanto que os do antigo regime eram pagos. A comissão era dirigida por

⁵ Alguns anos mais tarde os soldados nazistas diriam algo semelhante sobre o povo russo, durante a Segunda Guerra Mundial.

Felix Dzerjinski e os cinco postos de seu colegiado eram ocupados por social-revolucionários (MARIE, 2017, p. 33).⁶

Dentro da Rússia lutavam não só vermelhos contra os brancos, mas também os chamados verdes, que não se alinhavam com nenhum dos lados, embora às vezes apoiassem um lado ou outro, ou agissem por conta própria. Tais exércitos serão apagados da história simplificada da época do stalinismo. Jean-Jacques Marie (2017, p. 18), citando pesquisas atuais, escreve:

Esses exércitos verdes, locais ou regionais vão de pequenos destacamentos volantes de 500 a 600 homens até verdadeiras divisões armadas de canhões e metralhadoras: a divisão de Grigoriev reúne 15 mil homens; o exército de Macknó, na Ucrânia, de 25 a 30 mil e chega a ter, em 1919, mais de 50 mil homens; o de Tambov, comandado por Antonov varia de 18 a 40 mil, conforme o período. O “exército popular” da Sibéria ocidental reúne cerca de 100 mil, em 1921 e obedece, assim como o de Antonov, a comandantes diversos, ciosos de sua autoridade local e obstinados em defender suas prerrogativas e títulos.

Foram milhões de mortos e o poder soviético estava ainda longe de se ter consolidado. No início de 1919 os soviéticos estavam cercados. Sobre isso disse Louis Fischer:

A oeste a Rússia estava separada do mundo exterior pelo Báltico, pelos alemães, pela frota inglesa e pela Polônia; ao norte pelas tropas inglesas, francesas, americanas e sérvias; ao sul pelos franceses na Ucrânia, por Denikin no Kuban e pelos ingleses no Cáucaso e Transcáspia; por último, ao leste da Sibéria estão os japoneses e seus leais atamans (chefes cossacos que possuíam terras e eram apoiados pelo czar – MV)); a oeste estão os tchecos e Kolchak. (BROUÉ, 2014, p. 120).

Em maio de 1919 Kolchak chegou aos Urais; Denikin tomou o Sul; Yudenich desceu da Estônia e ameaçou Petrogrado, que sofria com epidemia de tifo e com a fome, e a 19 de outubro chegou a 15 km da

⁶ Em russo, Tcherezvitcháinaia comissão – Comissão de Emergência. Alguns desavisados a confundem com a NKVD (Naróдни Commissariat Vinútrenir Diel) - Commissariado do Povo para Assuntos Internos, criada em julho de 1934, no período de crescimento do terror stalinista.

cidade. Trotsky, em seu trem blindado, conseguiu derrotá-lo e pouco depois, em janeiro de 1920, o 5º Exército Vermelho expulsou Kolchak de Omsk. Kolchak foi preso e fuzilado. No entanto, o Barão Wrangel, czarista que contava com grande ajuda dos franceses, conseguiu reunir restos do exército de Denikin e atacou a Ucrânia, sendo derrotado em novembro de 1920, o que, segundo Pierre Broué (2014), pôs fim à guerra civil, ao contrário de Jean-Jacques Marie (2017) que dá o verão de 1922 como seu final definitivo. Embora muitos bandos armados continuassem a percorrer o país, os próprios bolcheviques consideraram o início de 1921 como o final da guerra. Nela os bolcheviques contaram com o apoio de grupos anarquistas, em especial do líder guerrilheiro Makhnó. Embora este não fosse adepto dos bolcheviques, seus maiores inimigos eram os brancos e contra eles e os exércitos austro-húngaros que tomaram a Ucrânia lutou bravamente, embora não fosse reconhecido pela maioria dos anarquistas como tal. O anarquista russo Volin (Vsevolod Eihenbaum), seu amigo, admirador de sua coragem, disse também que Makhnó não sabia resistir a tentações e abusava do álcool:

Em certos períodos era lamentável. O estado de embriaguez se manifestava principalmente no terreno moral [...] sob influência do álcool ficava maldoso, super excitado, injusto, intratável, violento [...] perdia o autocontrole. Então, o capricho pessoal, com frequência associado à violência, substituía bruscamente o dever revolucionário; surgia a arbitrariedade, as birras absurdas, as teimosias, os “arremedos ditatoriais” de um chefe armado. O segundo defeito de Makhnó e de muitos de seus íntimos – comandantes e outros -, era sua atitude com as mulheres. Principalmente quando estavam bêbados esses homens se permitiam atos inadmissíveis – *odiosos*, seria a verdadeira palavra – que chegavam a certas orgias a que algumas mulheres eram obrigadas a participar. (MARIE, 2017, p. 59).

Jean-Jacques Marie (2017, p. 20), que faz um relato detalhado da guerra civil, diz não pretender esgotar o assunto, mas,

Por meio de depoimentos e documentos de diversos protagonistas, fornecer uma imagem verdadeira da guerra, reconstituir alguns de seus acontecimentos essenciais e restituir a atmosfera de uma guerra civil, caleidoscópio de cargas de cavalaria com sabre em punho, trens

blindados, salvas de canhão, execução de reféns e de prisioneiros, em meio à pilhagem, fome, frio, cólera e tifo, que arrasam cidades e vilarejos e dizimam os exércitos, sem contar a gripe espanhola que se abateu sobre a Europa a partir da primavera de 1917 e deixou milhões de mortos.

Leon Trotski, o fundador e comandante do Exército Vermelho desempenhou papel fundamental para a vitória dos bolcheviques. Sobre ele disse Mariátegui (2012, p. 99):

Como seu ex-generalíssimo, o Exército Vermelho é um fato inédito na história militar do mundo, que sabe seu papel revolucionário e não esquece que seu objetivo é a defesa da revolução. De sua essência está excluída, portanto, qualquer tendência especificamente imperialista: sua disciplina, organização e estrutura são revolucionárias. E enquanto o generalíssimo escrevia um artigo sobre Romain Rolland, os soldados evocavam a Tolstoi ou liam Kropotkin⁷.

O COMUNISMO DE GUERRA E O FIM DA GUERRA CIVIL

A destruição e a miséria causadas pela guerra civil provocaram o chamado comunismo de guerra, que constava principalmente da requisição do excedente no campo, muitas vezes não só o excedente, pois era preciso sustentar os exércitos. Salvar a revolução era o principal objetivo. O sofrimento dos camponeses era imenso, pois além das requisições do governo os Exércitos Brancos tomavam tudo dos camponeses: além dos produtos, o gado, roupas, utensílios e violava suas mulheres.

Quando os soviéticos conseguiram sair vitoriosos da luta, defrontaram-se com um país arrasado: segundo vários autores, a perda na indústria fora de 80%; no setor de energia e carvão 70%; na produção de ferro, aço, e açúcar e na exportação a perda foi de 100% e de 50% na produção agrícola (REIS FILHO, 1997, p. 82).

⁷ Apesar da trágica situação, a revolução provocou um grande florescer artístico, como as experiências do teatro Taganka, a literatura de Gorki e a poesia de Maiaovski e grupos de arte moderna, sobre a qual disse Lenin: “Eu não gosto, mas se entusiasma a juventude deve ser boa!” Ver sobre o tema GUERRA, E. Carrera. “O alvorecer da literatura soviética” (MAIACOVSKI, 1957). Cito trecho do belíssimo poema À Lila Brik, de 1922: “Eu sei/ Qualquer um o sabe/O coração tem domicílio no peito. /Comigo a anatomia se fez louca. /Sou todo coração”.

A fome era constante nas cidades e o povo faminto tinha muitas reivindicações. Tal situação acabou por provocar o levante dos marinheiros de Kronstadt⁸. Era uma situação desesperadora e o inimigo interno e externo aguardava qualquer oportunidade para intervir. Sem que fosse possível chegar a um acordo – e ambas as partes tinham razão – a insurreição foi esmagada⁹. Foram grandes as perdas de ambos os lados, não só de parte dos marinheiros derrotados. Centenas de soldados que lutavam ao lado do governo foram fuzilados ou morreram afogados no gelo, pelo ataque dos marinheiros rebeldes¹⁰.

O governo não tinha mais opções para se manter, revoltas surgiam no campo e nas fábricas, era preciso dar comida ao povo faminto e, para isso, desafogar a economia, recuar para poder avançar. Foi o período da Nova Política Econômica (NEP), que liberalizou o comércio e permitiu a pequena propriedade no campo e também na cidade. A luta por manter a revolução foi terrível, e o custo de milhões de vidas que lutaram por ela debilitou a sociedade, a classe operária e o partido. Lenin deu-se conta disso, mas não teve forças físicas para fazer prevalecer suas posições, numa luta que travou desde seu primeiro derrame em 1922, até sua morte em janeiro de 1924.

Os três problemas que o preocuparam e que constituem o prólogo do grande drama que vai se desenvolver com sua morte são os temas da burocracia, do despotismo, da anulação dos direitos democráticos. Lutando para romper o muro que queria isolá-lo da vida política, Lenin se bateu para evitar que o partido e o Estado – obras suas – se encaminhassem pela via perigosa das soluções apressadas, administrativas, burocráticas, repressivas: em poucas palavras, que o velho aparato estatal do tzarismo se sobrepusesse – mais nas pessoas do que nos métodos – às forças debilitadas pela guerra civil do proletariado, dos camponeses, dos comunistas. (LENIN, 1974, p. 155).

⁸ Revolta dos marinheiros de Kronstadt, em março de 1921, derrotada pelos bolcheviques. Sobre o tema ver: AVRICH, 1975. Há tradução em castelhano: *Kronstad, 1921*. Buenos Aires: Utopia Libertária, 2006.

⁹ Sobre o tema ver VIANNA, 2017b.

¹⁰ Ver AVRICH, 1975.

O período da contrarrevolução stalinista foge a nosso espaço. Aqueles que consideram Stalin marxista buscam com isso atacar o leninismo e o marxismo, e o fazem, muitas vezes, por desconhecer que o marxismo é, antes de tudo, um humanismo, com o qual Stalin nada teve a ver.

Deduzir a contrarrevolução stalinista dos vícios originais do “leninismo”, noção forjada em 1924, no V Congresso da Internacional Comunista, para legitimar a nova ortodoxia do Estado, não é apenas historicamente falso, mas é politicamente mistificador. Bastaria então ter compreendido e corrigido os erros e os desvios teóricos para prevenir contra os “perigos profissionais do poder” e garantir uma sociedade democrática transparente! (...) A burocracia não é a consequência deplorável de uma ideia falsa, mas um fenômeno social. (BENSAÏD, 2008, p. 73).

Ver o stalinismo com uma consequência inevitável – e previsível! – da Revolução de Outubro é pensar uma história linear, onde todos os acontecimentos estão encadeados, cujas causas trazem em si um inevitável efeito.

A ênfase dada a um “erro” teórico, desligado dos processos históricos e sociais de burocratização sugere que bastaria corrigi-lo para dissipar o perigo burocrático. A explicação do stalinismo como sendo um “desvio teórico” lembra, então, a procura de um pecado original. Ele leva não só à liquidação do “leninismo”, mas também, em grande medida, a uma renúncia ao marxismo crítico, ou mesmo à herança do iluminismo: da “culpa de Lenin” logo se remonta à “culpa de Marx” e mesmo à “culpa de Rousseau”! (BENSAÏD, 2008, p. 73).

CONCLUINDO

Lenin conseguiu interpretar seu mundo corretamente e, a partir disso, transformá-lo. Esse é seu maior legado: a partir de uma teoria revolucionária interpretar a realidade concreta e a partir daí mudá-la revolucionariamente. Foi o que ele fez.

Em março de 1919, por iniciativa sua e com ativa participação de Leon Trotski, foi criada a III Internacional, a Internacional Comunista. Em seu IV Congresso, em novembro de 1922 – o último do qual participou, Lenin terminou seu discurso falando da importância de se estudar, estudar sempre.

Dirigindo-se aos delegados estrangeiros, alertou-os sobre a necessidade de entender a situação russa em que se deu e se desenvolvia a revolução e não “colocá-la num canto e rezar diante dela” (LENIN, 1961d, p. 746).

O período da contrarrevolução stalinista que se seguiu à morte de Lenin, especialmente a partir do final dos anos 1920, início dos de 1930, foi um período de abastardamento do marxismo e de destruição física dos quadros partidários bolcheviques que fizeram a Revolução. Mas como escreveu Michael Löwy (2000, p. 15, grifo nosso):

O capítulo “stalinismo” está se fechando. Já era tempo. Isso cria a possibilidade – não para as próximas semanas, mas para o século XXI – de agrupar novamente gerações de revolucionários *ao redor da bandeira vermelha de Outubro de 1917* – não como modelo único, mas *como herança preciosa e insubstituível da tradição dos oprimidos*. Isso não é uma certeza, mas uma possibilidade histórica, uma chance que nos é dada. A nós cabe apanhá-la.

***POST-SCRIPTUM* – UMA HIPÓTESE SOBRE O DESMORONAMENTO DA URSS**

Poderíamos discutir o período do governo de Stalin e os principais acontecimentos na URSS a partir do governo de Nikita Kruchov, da denúncia do culto à personalidade, dos problemas colocados por ela e das incongruências que passou a viver o sistema a partir daí e que se foram agravando no governo de Leonid Bresniév e do interregno de Yuri Andrópov e Konstantín Chernenko que acabou por desembocar em Gorbatchiov, Yeltsen e Cia. Mas o espaço não comporta uma análise, mesmo que breve, desse período.

A hipótese que levanto é a de que o socialismo não chegou a existir na URSS, tal como o consideravam Marx e Lenin. O que tivemos foi um socialismo de Estado. E o que sustenta a hipótese? Para Marx o socialismo não se limita à mudança da base econômica, de acabar como modo de produção capitalista – que de fato acabou na URSS. Não basta acabar com o capitalismo e com o capital para ser socialista, é preciso que politicamente e socialmente também o seja, quer dizer, é necessário *acabar com o Estado* e instaurar uma democracia política, o que evidentemente não ocorreu.

Lenin, assim como Marx, falava de um período de transição ao socialismo, que seria a ditadura do proletariado. Esse período de transição prepararia a consolidação da classe operária no poder, o fim cabal do capitalismo e a extinção do Estado, o que para eles sempre foi um ponto fundamental. Marx se referia ao Estado como “Um aborto sobrenatural da sociedade” (MARX, 1971).¹¹

Nas Teses de Abril, diz a de número 8, como vimos acima, que embora fosse preciso passar imediatamente a controlar a produção e a distribuição dos produtos *a implantação do socialismo não era tarefa imediata*. Em vários escritos posteriores Lenin frisou a necessidade do período de transição até o desvanecimento – é o termo que usa – completo do Estado, o que até então não havia ocorrido. Finda a guerra civil, foi preciso retroceder, com a NEP, e fazer concessões ao que Lenin chamou de capitalismo de Estado, para manter a revolução.

Depois da derrota das revoluções europeias, da morte de Lenin, do abandono da perspectiva da revolução mundial e da necessidade da construção do socialismo em um só país, o que se consolidou foi o fortalecimento de um Estado Socialista, um Estado que acabou por ser autoritário e repressor. Impossível falar de socialismo no sentido que Marx e Lenin o entendiam.

A manutenção de um Estado forte criou uma grande potência - a segunda potência mundial – fundamental para propiciar a vitória de todas as forças progressistas no mundo e garanti-las. Mas a própria presença do Estado e de suas características, ao não avançar no sentido de seu desvanecimento, acabou por provocar contradições que o governo não foi capaz de resolver. A URSS desmoronou por suas próprias contradições internas. Voltou-se ao capitalismo – um capitalismo selvagem – sem maiores convulsões sociais porque a maioria da população, passados mais de 70 anos, não se reconhecia no “socialismo realmente existente”. Creio ser preciso pesquisar ainda muito para entender o como caracterizar corretamente o Estado soviético, dos anos que começam com o final da NEP, a introdução dos planos quinquenais e o fortalecimento do Estado,

¹¹ Cf. LÖWY, 2016.

tema difícil e complexo. Como disse Guimarães Rosa: “Eu sei que nada não sei, mas desconfio de muita coisa!” (*Grande Sertão – Veredas*).

REFERÊNCIAS

- AVRICH, Paul. *La tragédie du Cronstadt, 1921*. Paris: Ed. du Seuil, 1975.
- BENSAÏD, Daniel. *Os irredutíveis: teoremas da resistência para o tempo presente*. Tradução da Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BOFFA, Guiseppe. *Les bolchéviques et la révolution d’octobre: procès-verbaux du comité central du parti bolchevique, août 1917-février 1918*. Paris: Maspero, 1964.
- BROUÉ, Pierre. *O partido bolchevique*. Tradução de Paula Maffei e Ricardo Alves. São Paulo: Sundermann, 2014.
- CARR, E. H. *A Revolução Russa de Lenin a Stalin (1917-1929)*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- DEUTSCHER, Isaac. Trotski, *O profeta armado*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FONTANA, Josep. *El siglo de la revolución: una historia del mundo desde 1914*. Barcelona: Crítica, 2017a.
- FONTANA, Josep. A revolução Russa e nós. *História e luta de classe*, n. 23, mar. 2017b.
- HILL, Christopher. *Lenin e a Revolução Russa*. Tradução de Geir Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- LENIN, Vladimir Ilitch. As tarefas do proletariado na presente revolução. In: *Obras Escogidas*. Moscou: Editorial Progreso, 1975b. t. 2.
- LENIN, Vladimir Ilitch. Carta a los operários y campesinos por motivo de la victoria sobre Koltchak. In: *Obras Escogidas*. Moscou: Progreso, 1961e. v. 3.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Contra la Burocracia: Diario de las secretarias de Lenin*. Córdoba: PyP, 1974.
- LENIN, Vladimir Ilitch. Discurso pronunciado en la reunion conjunta del comité ejecutivo central de toda Russia, del soviet de Moscu, de los comités fabriles y de los sindicatos de Moscou en el 29 de julio de 1918. In: *Obras Escogidas*. Moscou: Editorial Progreso, 1975a. v. 2.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Euvres*. Paris: Éditions Sociales/Moscou: Ed. em langues étrangères, 1962a. t. 32: dezembro de 1920-agosto de 1921.

- LENIN, Vladimir Ilitch. IV Congresso de La Internacional Comunista, de 13 de noviembre de 1922. *In: Obras Escogidas*. Tradução para o espanhol do Instituto de Marxismo leninismo do CC do PCUS. Moscou: Editorial Progreso, 1961d. t. 3.
- LENIN, Vladimir Ilitch. Las tareas del proletariado em nuestra revolucion: (Tesis de Abril). *In: Obras Escogidas*. Moscou: Editorial Progreso, 1961b. t. 2.
- LENIN, Vladimir Ilitch. O Estado e a Revolução. *In: Obras Escogidas*. Tradução para o espanhol do Instituto de Marxismo leninismo do CC do PCUS. Moscou: Editorial Progreso, 1961c. t. 2.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Obras Escogidas*. Moscou: Editorial Progreso, 1975. v. 2.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Oeuvres Complètes*. Paris: Éditions Sociales/Moscou: Éditions en langues étrangères, 1962b. t. 26.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Oeuvres Complètes*. Paris: Éditions Sociales/Moscou: Édition du Progré, 1961a.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Oeuvres Complètes*. Paris: Éditions Sociales/Moscou: Éditions en langues étrangères, 1962c. t. 24-42.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Sur da démocratie socialiste*. Moscou: Ed de l'Agence de Press Novosti, 1978.
- LEWIN, Moshe. *O século Soviético. Da revolução de 1917 ao colapso da URSS*. Tradução de Sílvia Souza Costa. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.
- LÖWY, Michael; BESANCENOT, Olivier. *Afinidades Revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários*. Tradução de João Alexandre Peschanski e Nair Fonseca. São Paulo: Ed. UNESP, 2016.
- LÖWY, Michael; BENSAD, Daniel. *Marxismo, modernidade, utopia*. Tradução de Alessandra Ceregatti, Elisabete Burigo e João Machado. São Paulo: Xamã, 2000.
- MAKHNO, Nestor. *A "Revolução" contra a revolução: a Revolução Russa na Ucrânia (março 1917-abril 1918)*. Tradução de Milton José de Almeida. São Paulo: Cortez, 1988.
- MAIACOVSKI, Vladimir. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Leitura, 1957.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Revolução Russa: história, política e literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- MARIE, Jean-Jacques. *História da guerra civil Russa – 1917-1922*. Tradução de Patrícia Reuillard e Janyne Martini. São Paulo: Contexto, 2017.
- MARX, K. La guerre civil em France en 1871. *In: MARX, K; ENGELS.F; LENIN, V. Sur La Commune de Paris*. Moscou: Éditions du Progrès, 1971.

MONTEFIORI, Simon Sebag. *Os Románov – 1613-1918*. Tradução de Claudio Carina, Denise Bottmann, Donaldson M.Garschagen, Renata Guerra e Rogério W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

REED, John. *10 dias que abalaram o mundo*. Tradução de Armando Gimenez. São Paulo: Fulgor, 1963.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida*. São Paulo: Perseu Abramo, 1997.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: UNESP, 2003.

SERGE, Victor. *Memórias de um revolucionário*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SERVICE, Robert. *Historia de Rusia en el siglo XX*. Tradução castelhana de Carles Mercadal. Barcelona: Crítics, 1997.

VIANNA, Marly de A. G. A revolução de fevereiro de 1917 e as mulheres. *Socialismo e Liberdade*, São Paulo, Fundação Lauro Campos, n.16, 2017a.

VIANNA, Marly de A. A revolução Russa, grandes vitórias e graves impasses: as guerrilhas de Nestor Macknó e a tragédia de Cronstadt. In: PINHEIRO, Milton. *Os Cem Anos que abalaram o mundo: a Revolução Russa na cena do futuro*. São Paulo: ICP, 2017b.

ZIZEK, Slavoj (org.). *Às portas da Revolução: escritos de Lenin de 1917*. Tradução de Zizek de Luiz Bernardo Pericás e Fabrício Rigout. Tradução dos textos de Lenin de Daniela Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2005.